

Gregório de Mattos, 360 Anos**Fatos Documentados e Lendas Relativas a
Gregório de Mattos e Guerra**

(in A Tarde, 07.12.96)

Insinua-se nas dobras do tempo, a obra de Gregório de Mattos e Guerra (1636-1695), a despeito de jamais ter sido autografada pelo poeta. Sombras encobriram os escritos hoje atribuídos ao baiano filho de portugueses, entre o século XVII, quando ele viveu e circularam seus poemas satíricos pregados às escondidas por anônimos nas paredes de prédios públicos, e o século XVIII, no qual copistas os perenizaram em códices apógrafos. Neste final do século XX, já há mais luzes sobre a vida e o legado gregorianos. Cronista da sociedade seiscentista, intérprete crítico do seu tempo, religioso, lírico, herético, Gregório de Mattos e Guerra estava longe de ser figura unânime na sociedade seiscentista. O que, como defende João Carlos Teixeira Gomes, estudioso da obra do poeta, talvez o tenha impedido publicar em Portugal seus poemas "bem comportados". Tais desmedidas motivaram preconceitos contra a poesia satírica, erótica e escatológica de Gregório de Mattos até o início deste século, como observa o historiador Fernando da Rocha Peres. O resgate do corpus gregoriano só viria a ocorrer com o lançamento de Gregório de Mattos — Obra Poética, organizada por James Amado, em 1968, hoje disponível em dois volumes pela editora Record. As portas do século XXI, Gregório de Mattos está em voga, através de mídias inimagináveis no período em que viveu. Ele navegará no cyberspace da Internet através de uma home-page, com textos sobre o poeta, poemas em português e vertidos para o alemão, chinês e italiano, bibliografia básica e material iconográfico. Seus poemas ganharam o suporte de um compact disc, na voz da atriz Nilda Spencer. Seu nome foi refrão de um rap defendido pelo cineasta Edgard Navarro num festival de música popular.

Proliferam as publicações acerca do poeta e sua obra, tendo sido a mais recente de autoria da professora da UFBA e dramaturga Cleise F. Mendes. Há 360 anos de seu nascimento, Gregório de Mattos e Guerra é, mais do que nunca, personagem para o futuro. Em torno da data e com o tema o poeta renasce a cada ano. No evento, serão lançados carimbo comemorativo da data, o livro Sete poemas, de amor e desespero, de Maria dos Povos, à partida do poeta Gregório de Mattos para o degredo em Angola, de Myriam Fraga (edições Macunaíma) e o CD Boca do Inferno, coordenado por Maria da Conceição Paranhos, com interpretação de Nilda Spencer e música de Nico Rezende (edições Cidade da Luz). Organizador do evento, o historiador e poeta Fernando da Rocha Peres, aborda adiante, em entrevista, fatos documentados e lendas relativas a Gregório de Mattos e Guerra, revelando que a aproximação temática entre a obra do poeta do século XVII e a do seu contemporâneo, o padre Antônio Vieira, será tema de seus próximos estudos.

[Ao que parece, novos dados biográficos sobre Gregório de Mattos estão condicionados ao aparecimento de novos documentos. Por que alguns registros-chave, como o de batismo e óbito do poeta não são encontrados?](#)

F.R.P. - As lacunas sobre a vida de Gregório de Mattos de certo modo já foram preenchidas, quando fiz a revisão da biografia escrita no século XVIII por Manuel Pereira Rabelo. Se estes dados, de registro de nascimento e óbito, não foram encontrados é porque essa documentação deve ter perecido. A certidão de batismo deveria estar aqui, no arquivo da cúria metropolitana, e hoje não se encontra mais. O registro de óbito deveria estar em Recife, onde ele faleceu. Eu estive pesquisando aqui na Bahia, em Pernambuco, em Portugal e o que pude encontrar sobre Gregório de Mattos foi, como disse Antônio Houaiss, o suficiente para uma reescritura da biografia do poeta. Creio que a data de nascimento e a de morte já estão suficientemente fixadas.

[Nestes 13 anos desde a publicação da revisão biográfica de Gregório de Mattos, de sua autoria, surgiram muitos dados novos? O que poderia ser acrescentado em uma nova edição?](#)

F.R.P. - Esses fatos novos já surgiram e foram acrescentados em outras publicações que fiz. Alguns

documentos estão, como costume dizer, na encubadora, porque, em verdade, um trabalho em cima de fontes primárias é um trabalho lento. Temos que checar as informações documentais de todas as maneiras possíveis. De 1983 para cá, muita coisa já foi acrescentada. Por exemplo, o fato de Gregório de Mattos ter sido provedor da Santa Casa de Misericórdia de uma vila portuguesa, Alcácias do Sal, onde ele foi juiz de fora. A descoberta de uma terceira sentença dele, publicada pelo jurista do século XVII Emanuel Alvares Pegas. O levantamento que fiz mais sistemático sobre a família extensiva do poeta, da questão referente ao processo inquisitorial contra ele, de 1865. Todos esses dados serão acrescidos a uma nova edição ou, quem sabe, a um desenho novo do poeta.

[Que tipo de documentação se encontra no Brasil? Há informações sobre a passagem do poeta no Colégio da Bahia, dos jesuítas?](#)

F.R.P. - Infelizmente não existe nada, porque quando os jesuítas saíram daqui, no século XVIII, deixaram a biblioteca e o arquivo. Vilhena, cronista da Bahia do século XVIII, nos informa que os papéis do colégio foram vendidos para serem usados como embrulho de gêneros na área do Terreiro de Jesus e no Pelourinho. Toda documentação primária, levantei basicamente em Portugal, em Coimbra e em Lisboa. Há aqui um registro no arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, quando ele entrou para irmão da Santa Casa. Este é o único documento primário. As outras informações relativas a Gregório existentes na Bahia, estão, algumas delas, publicadas nas atas e cartas da Câmara da Cidade do Salvador, hoje a Câmara de Vereadores. Há muita informação sobre ele, que foi Procurador da Bahia, defendeu os interesses dos proprietários de engenho de cana e defendeu o quanto pode a criação de uma universidade na Bahia, no século XVII. Registros não só dele, também de seu pai, avô, e irmãos estavam em documentos cujos originais já não existem mais, mas por sorte foram Publicados pela Prefeitura Municipal da Cidade de Salvador.

[E sobre o magistrado Gregório de Mattos?](#)

F.R.P. - Sobre o juiz de fora, juiz do cível, representante do Brasil nas cortes, há documentação em Portugal — na Torre do Tombo ou na Biblioteca Nacional de Lisboa.

É o caso do documento do casamento dele em Lisboa, que era absolutamente ignorado. É um documento autógrafo no qual ele diz ter 25 anos, em 1661, o que resolveu a questão da data de nascimento. Outro documento precioso é o de batismo de uma filha natural que ele teve em Lisboa, com uma mulher chamada Francisca. Os arquivos portugueses são organizados. No Brasil, lamentavelmente, não guardaram essa documentação dos séculos XVI e XVII. Está quase toda ela destruída pelo tempo, pela umidade, pelos insetos, pelos fungos, pelo desleixo.

[Há pesquisadores portugueses debruçados sobre a biografia de Gregório de Mattos?](#)

F.R.P. - Sobre a biografia, não que eu saiba. Está havendo hoje em Portugal e, podemos dizer, em grande parte da Europa — na Itália, Alemanha, Noruega, Espanha — um interesse pela obra do poeta. Pela obra apógrafa que ficou guardada nos manuscritos existentes em Portugal, no Brasil, na Biblioteca Nacional, e pelo manuscrito agora existente na Bahia, datado de 1775. São manuscritos feitos por copistas portugueses ou baianos. Acredito que os documentos fundamentais já estejam suficientemente assentados, levantados. Mas, poderá surgir, em um ou outro arquivo ainda não organizado, público ou particular, uma documentação que venha a esclarecer determinados detalhes da vida de Gregório de Mattos.

[Há uma polêmica entre críticos, quanto a situar Gregório de Mattos com poeta brasileiro. É possível que expressões do nosso vernáculo e a incorporação de vocábulos africanos e indígenas — elementos presentes nos poemas de Gregório — tenham ocorrido nos apógrafos e não partido do poeta?](#)

F.R.P. - Não, evidentemente estes poemas, na sua grande maioria, podem ser atribuídos a Gregório. Podem ser até mesmo datados com base em seus conteúdos. Expressões da língua nativa, mais falada na costa do Brasil, vocabulário africano, vocabulário espanhol — já que todo português letrado era bilíngüe tudo isso compoendo, junto com o latim e o francês uma babel de falares que os poetas naquela época usavam, não elide o Gregório de Mattos. Ao contrário, isso é típico do barroco e aqueles que querem defender a brasilidade do poeta, o fazem por esse viés de que ele é um barroco brasileiro,

nativo, ou, como eu mesmo cheguei a dizer, um barroco gentio. Ao se expressar, na sua poesia, com esses falares ele revelou urna realidade local. Há uma poesia de Gregório de Mattos feita em Portugal, anterior a 1682, e uma poesia na Bahia depois daquele ano. Só resta fazer um cotejo entre o que está publicado de outros poetas. Já se sabe o que foi atribuído a Gregório mas é de autoria de Tomaz Pinto Brandão, ou de Dom Tomás de Noronha, ou outros poetas, até mesmo dos quais não se possa indicar o nome.

[Seria mais fácil se Gregório de Mattos tivesse publicado em vida seus poemas sacros, ou os líricos?](#)

F.R.P. - Havia muitos poetas na Bahia. Quase todo letrado praticava poesia. Uns cuidavam de publicar, como foi o caso de Manoel Botelho de Oliveira. Gregório não organizou os poemas bem comportados — os poemas líricos e sacros — para uma publicação, lamentavelmente. Há um poema dele em que é mencionado um quarto tomo. É um grande mistério. Será que ele estaria preparando uma publicação, ou tinha conhecimento de que as pessoas estavam organizando sua poesia a mando de alguém? É muito estranho. Ele não publicou e criou esse pequeno problema que, provavelmente, dentro de mais alguns anos, será sanado.

[Em que se basearam teses, hoje contestadas, de que Gregório de Mattos seria de uma linhagem mestiça?](#)

F.R.P. - Gregório de Mattos é mestiço na poesia que fez. Sua poesia tem muita mestiçagem, até mesmo agressiva, na medida em que ele assume um papel preconceituoso contra o negro, o mulato. De modo algum ele pode ser considerado etnicamente um mestiço, um mulato. Era descendente de galegos que vieram da cidade de Guimarães e se instalaram na Bahia no início do século XVI. Naquela época, havia uma triagem através de um processo chamado habilitação de gênero. O sujeito que fosse mestiço — tivesse sangue de mouro, de judeu, de africano, ou como eles chamavam, “sangue de infecta nação” — ou que descendesse de oficial mecânico não poderia freqüentar a Universidade de Coimbra nem ser nomeado pelo rei para exercer uma função de juiz. Na sua poesia, Gregório em todo momento está se auto-referenciando como branco e honrado. Sua linguagem é mestiça e esse é seu grande mérito.

A partir de que período começa a surgir, ou circular em Salvador, a produção poética de Gregório?

F.R.P. - É curioso que a maioria dos códices apógrafos sejam do fim da primeira metade do século XVIII. A poesia de Gregório circulava oralmente e, como ele chegou a denunciar, em forma de pasquins. O poeta se irrita com isso dizendo que muita coisa que circulava não era de sua autoria, era atribuída a ele. As pessoas copiavam um poema de autoria de Gregório e colavam na parede ou porta da Catedral. Poemas geralmente investindo contra as autoridades civis, militares e eclesiásticas. Os poemas satíricos têm esse percurso, principalmente se não são poemas muito longos. Tudo isso foi se juntando. As pessoas copiaram de alguma maneira e isso permaneceu guardado nos códices do século XVIII. Há uma lenda de que um governador contemporâneo de Gregório, D. João de Alencastro, colocou no palácio um livro para que todas as pessoas que soubessem de cor um poema de Gregório o copiassem ali. Esse códice nunca foi localizado.

O que se pode falar com segurança da relação entre o poeta e o padre Antônio Vieira?

F.R.P. - A relação entre Vieira e Gregório se deu mais largamente aqui na Bahia. Ambos vieram para cá quase no mesmo momento. Vieira confinou-se no colégio, especificamente na Quinta do Tanque, onde escreveu sua sermonária. Na poesia de Gregório existe algumas referências ao Padre Antônio Vieira. Existem também alguns temas que Padre Vieira abordou nos Sermões e que Gregório também abordou nos poemas. Sobre isso estou preparando um trabalho para apresentar no próximo ano, no tricentenário da morte do Padre Antônio Vieira. Não gostaria de me adiantar muito, mas há essa possibilidade de aproximação. Vieira era um homem da corte, foi confessor do restaurador do império português, D. João IV, foi embaixador plenipotenciário, teve muita influência. Gregório também teve muita influência, fez uma carreira na magistratura, foi juiz em Lisboa, veio para a Bahia ocupar um cargo importante. Vieira era da família dos Ravasco e Gregório, dos Mattos da Bahia, como ele se intitula. Havia aproximação entre esses sujeitos que, sendo do clero e proprietários rurais, faziam parte do grupo dominante.

Por que Gregório de Mattos não chegou a ser preso pela inquisição?

F.R.P. - Segunda a denúncia, ele tinha aqui na Bahia um modo solto de cristão. Era considerado um herege. Praticava determinados atos e dizia determinadas coisas que contrariavam a igreja. Principalmente, ele escreveu alguns poemas contra o denunciante. O promotor do eclesiástico Antônio Roiz da Costa, foi motivo da chacota em mais de um poema. Defendo a posição de que o processo não foi levado a termo porque a denúncia era de difícil comprovação e principalmente porque a família de Gregório tinha ligações com a inquisição. O avô do poeta foi familiar da inquisição do Santo Ofício aqui na Bahia, nomeado pelo visitador D. Marcos Teixeira. Esta condição do avô fez com que Gregório acumulasse, dentre outras coisas, um prestígio enorme, a ponto de não ser molestado pela inquisição.

Sobre o período em que Gregório de Mattos esteve em Angola, o que se pode afirmar?

F.R.P - Ele sai daqui em 1694, porque os dois filhos do governador Antônio Luis Gonçalves da Câmara Coutinho, contra quem ele tinha escrito poemas terríveis, queriam matar o poeta. Os amigos de Gregório, inclusive o sucessor do governador (D. João de Alencastro), fizeram uma espécie de conluio. Colocaram o poeta numa embarcação que saía daqui para Angola, levando cavalos do rei. Há um poema muito engraçado dele descrevendo esta saída e maldizendo a Bahia. Na Angola, houve uma troca do padrão monetário, do zimbo (um pedaço de pano que circulava como dinheiro) pela moeda em cobre. Com essa troca, os militares começaram a receber um soldo menor. Eles se rebelaram e fizeram do bacharel Gregório de Mattos o interlocutor junto ao governador de Angola. Gregório acaba traindo esses militares e, em troca, pode voltar ao Brasil para morar em Recife, já que ele não podia vir à Bahia sob risco de ser assassinado. Há um poema onde ele relata esse fato. Localizei fontes que asseguram o envolvimento dele com militares e, num segundo momento, uma aproximação com o governador. Os militares foram presos, os líderes condenados e mortos. Como ele contraiu em Angola a malária, chegou em Recife, em 1695, e morreu no mesmo ano.

NUM VÔO EM TEMPESTADE

“O grande poeta inicial da literatura brasileira”, é assim que o professor João Carlos Teixeira Gomes, autor de Gregório de Matos, o Boca de Brasa — um estudo de plágio e criação intertextual, se refere, ao refletir sobre o legado do poeta nascido há 360 anos. Na entrevista que se segue, ele destaca que até o século XVIII era usual absorver a tradição na criação literária, "condicionada pelas normas da imitação". Defende, portanto, que o diálogo entre os poemas satíricos de Gregório de Mattos e Guerra e a obra de Quevedo, por exemplo, "é um processo legítimo e fecundante".

[Pode-se falar de dois Gregórios de Mattos — um magistrado, ligado ao clero e cuja poesia é sacra e lírico-amorosa; outro libertino e autor de poemas satíricos?](#)

F.R.P. - Sim, há inclusive estudiosos que dividem a poesia de Gregório em vários seguimentos temáticos. Por exemplo: poesia sacra, poesia de circunstância, poesia erótica/obscena, poesia lírico/amorosa. Há um Gregório múltiplo, na verdade. Mas, o essencial para a literatura brasileira é o satírico.

[Por que o satírico?](#)

F.R.P. - Gregório de Mattos era uma personalidade eminentemente satírica. Tendo vivido em Portugal grande parte de sua vida, ele tomou conhecimento da obra do grande poeta satírico espanhol Quevedo, que foi fundamental na sua concepção de poesia. Se Gregório se limitasse a fazer poesias sacras, líricas, de circunstância, jocosas não teria sido o grande poeta que foi na literatura brasileira. O fato de ter entrado em confronto com a sociedade baiana depois que voltou de Portugal provocou essa veia satírica com mais intensidade. Através dessa linha de poesia, ele se firmou como o grande poeta inicial da literatura brasileira.

[Ha críticos que não aceitam Gregório de Mattos como um dos nomes inaugurais de nossa poesia. O que o senhor acha disso?](#)

F.R.P. - Até o século XVIII, a criação literária estava muito condicionada pelas normas da imitação, que começaram a se desenvolver mais intensamente na Europa, a partir do Renascimento. Podemos dizer que toda poesia de conteúdo amoroso do Ocidente até o

século XVIII é calcada na poesia de Petrarca. O fato de um poeta seguir determinados cânones, previamente estabelecidos por outros poetas, e basear sua criatividade na teoria da imitação, não diminui o valor de sua obra. Na época de Gregório de Mattos, dois pólos eram essenciais na criação literária da Península Ibérica: Quevedo e Gôngora. Gregório afastou-se de Gôngora, na parte melhor da sua poesia, e se deixou influenciar pelo clima da poesia de Quevedo. Isso o tomou, inclusive, um poeta original. Quevedo teve uma vida pessoal semelhante à de Gregório, foi perseguido político, preso. Gregório foi desterrado. Havia o que alguns autores chamam de afinidades eletivas entre os dois. Quevedo fecunda Gregório de Mattos, que absorve esse legado e o adapta às condições da Bahia, transforma isso de uma forma pessoal e consegue realizar uma obra de grande importância, através dessa linha satírica.

[A presença, na obra de Gregório de Mattos, de elementos da língua espanhola, vocábulos africanos, indígenas e do português falado no Brasil, são traços particulares do poeta?](#)

F.R.P. - Gregório de Mattos usou sobretudo os termos indígenas e africanos no sentido pejorativo, para estabelecer uma comparação negativa com determinados elementos importantes da sociedade baiana da época, que se davam ares de grande destaque. Quando utiliza esse vocabulário — que enriquece muito sua poesia — o faz com o sentido satírico e não com a preocupação barroca de acrescentar elementos múltiplos à criação. Mas ele realmente ampliou os meios expressivos da poesia barroca do Brasil, pela incorporação de vocábulos indígenas e africanos.

[Para o crítico, torna-se difícil se desvencilhar da personalidade de Gregório para concentrar-se numa análise que se detenha no texto, ou mesmo intertextual?](#)

F.R.P. - A obra de Gregório de Mattos sobreviveu através de apógrafos. Não há um único poema assinado por Gregório entre os mais de 700 que James Amado reuniu nos sete volumes da edição das obras completas. Aspectos da vida do poeta se harmonizam com a visão satírica que os poemas revelam. Na mesma época, existiram poetas dessa linha satírica, cuja linguagem se aproxima muito da de Gregório de Mattos. Mas, certas

situações só poderiam ter sido vividas por um poeta satírico que aqui estivesse radicado. Saber, por exemplo, que ele foi demitido do cargo de tesoureiro da Sé, pouco depois de chegar à Bahia, lança luz sobre o fato dele ter uma aversão profunda pelo clero. As informações biográficas estabelecem certos nexos que ajudam a compreender a poesia satírica de Gregório de Mattos e conceber que realmente um poeta como ele a escreveu. O estilo de época era muito universal, os procedimentos poéticos do barroco, os recursos retóricas, os tropos eram uniformes entre a poesia portuguesa, a castelhana e, naturalmente, a poesia brasileira, da época. Esta recebia influência natural, um processo normal de intertextualidade, das duas outras — sobretudo da poesia castelhana, que influenciou também poesia portuguesa. O gongorismo foi avassalador. Já o quevedismo é a particularidade satírica de Gregório de Mattos. Embora Quevedo tivesse, por exemplo, escrito poemas de uma inquietação religiosa, sobretudo uma obsessão com a idéia da morte, do aniquilamento físico do homem. Esse problema de apógrafos não atinge só à obra de Gregório. Há uma boa quantidade de poemas de Quevedo e do próprio Gôngora que não foram publicados com assinatura, sobre os quais existe grande controvérsia,

[Quando a posição ideológica do poeta contrária às instituições estabelecidas se afirma?](#)

F.R.P. - As pesquisas, inclusive realizadas pelo professor Fernando Peres, mostram que Gregório de Mattos ocupou cargos importantes na magistratura de Lisboa, o que para um brasileiro, na época, era de grande significado. Ele casou-se com a filha de um magistrado importante, o que deve ter facilitado seu acesso, mas não bastaria para que ele fosse nomeado magistrado em Lisboa. É no retomo ao Brasil que o lado satírico se aguça, embora atribuam a ele um poema escrito em Portugal chamado *Marinicolás*. Poderia afirmar com convicção, pelo estudo que fiz, que o Gregório importante para a literatura brasileira nasce com a volta à Bahia. Há uma mudança na sua conduta de vida, concepção de mundo e nas suas relações sociais. Ele começa a ser o homem que ia com os amigos fazer grandes caçadas e farras no Recôncavo, ou nos bairros afastados de Salvador daquela época — Brotas, Rio Vermelho... — nomeados na poesia dele. Passa a atacar os padres, os representantes do poder constituído, as relações

econômicas Brasil-Portugal. Era um homem de família rica, mas um produtor rural brasileiro prejudicado pela política portuguesa. Em alguns poemas, ele denuncia inclusive que as naus de Portugal vinham cheias de pedras e voltavam abarrotadas com as riquezas da terra. Até por esse aspecto sua poesia é importante, porque já revela uma certa consciência anti-colonialista se formando nas elites econômicas brasileiras da época. Muitos críticos dizem que Gregório não tinha sentimento patriótico. Como nós temos hoje em dia, certamente não. Mas, ele tinha o sentimento de um produtor rural contrariado nos seus interesses econômicos. Sentia como a presença de Portugal no Brasil era prejudicial a esses interesses.

[Sobre a influência, o senhor chega a falar de uma postura próxima à antropofágica?](#)

F.R.P. - No meu livro (Gregório de Matos, o Boca de Brasa um estudo de plágio e criação intertextual) estudei a força da tradição da sátira ibérica sobre Gregório, um procedimento legítimo, natural, fecundante, rico. Não como uma diminuição, como foi hábito até certo tempo. A crítica brasileira não estava aparelhada para perceber a importância desse jogo intertextual. É uma assimilação devoradora, digamos assim. Gregório assimilava essas coisas e as transformava em coisas nossas. A parte satírica da sua obra é fundamental como um momento da evolução da consciência (eu diria) brasilica, mais que brasileira — esta ainda não existia, no sentido da independência.

[Nos poemas de Gregório que se repetem em diferentes códices há muitas variantes?](#)

F.R.P. - Sim, porque aquilo tudo era copiado a mão. Os copistas, depois de um certo tempo, se cansavam. Há variantes inexplicáveis, que desfiguram completamente o sentido do poema. Isso não atingiu apenas à obra de Gregório, mas a toda a produção da época. A poesia lírica de Camões, por exemplo, é toda ela duvidosa. Camões teve publicados em vida três poemas, em locais diferentes. Nunca publicou, ele próprio, um poema de sua autoria. Sua obra lírica é toda póstuma. Não podemos dizer que Gregório, não tendo deixado um códice autenticado, está com toda a obra sob suspeita. Nesse caso teríamos que afastar também a obra de Camões, poeta que realizou a tradição petrarquista, em

sua poesia amorosa, de forma eficiente e bela.

[Que tipo de critério faz um estudioso, como o senhor, escolher determinada versão de um poema de Gregório?](#)

F.R.P. - Aquela que mais guarda coerência com a própria estrutura lexical do poeta em outros poemas. Todo poeta tem um arsenal verbal e retórico, usa com mais freqüência determinadas expressões, determinados tropos, determinadas figuras de retórica. A construção da frase guarda certas características.

[Esse é um dos aspectos mais difíceis para uma análise da obra de Gregório?](#)

F.R.P. - Tudo é muito difícil quando não há indicação de autoria. É como se fosse um vôo em tempestade, não se sabe o que vem pela frente. Ninguém pode dizer com certeza absoluta que o legado que está aí é de Gregório nem que o legado lírico de Camões é de Camões. Há critérios que se estabelece, hipóteses de trabalho louváveis, que constituem um avanço, mas não dão certeza nenhuma de fidelidade autoral. O próprio fato de haver tantos códices atribuídos a Gregório indicam haver, na época em que ele viveu, um poeta com o nome dele e que provocava grande interesse.

[Em alguns poemas Gregório de Mattos se mostra incomodado com a destinação dada a sua poesia?](#)

F.R.P. - Ele deveria escrever com esta finalidade. Como ele não assinava os poemas, prendê-lo por isso ninguém poderia. Só se o flagrassem distribuindo panfletos na rua, o que ele não fazia. Há inclusive um poema, localizado por mim, em que ele diz que os moleques de rua distribuía sua poesia. O que mostra ser possível até que ele fizesse cópias e mandasse distribuir, sobretudo quando atacava às autoridades. Ele certamente gostava muito que sua poesia satírica atingisse o objetivo, não escreveria aquilo para ficar guardado.

[As fontes da sátira de Gregório de Mattos, serão tema de sua próxima palestra. O que o senhor aborda, especificamente?](#)

F.R.P. - A tradição vinda da literatura greco-romana. Sobretudo, a partir da influência castelhana e

portuguesa. A tradição satírica na Península Ibérica através da poesia do escárnio e do mal dizer, da poesia medieval satírica muito, freqüente em Portugal na época, passando por Quevedo. É curioso dizer que Gregório esteve na Bahia com um poeta português, chamado Tomás Pinto Brandão, muito semelhante a ele na maneira de versificar e de encarar certos fatos da Bahia, o que torna ainda mais confuso identificar as origens da poesia satírica de Gregório e de certos poemas que estão nos códices. A poesia de Tomás Pinto Brandão ficou num códice curioso intitulado Pinto renascido que foi publicado. Esse poeta viveu na Bahia com Gregório, fazendo farras. Parece que eles escreveram alguns poemas a quatro mãos. Há poemas de Pinto Brandão muito parecidos com os de Gregório, como se ele os imitasse.



Leia a obra de Gregório de Mattos



*I*nício desta página



17/05/2005